

PARA QUE VENHAM A EXISTIR OUTROS HOMENS

DINIZ, Ligia Gonçalves. **O homem não existe**: masculinidade, desejo, ficção. Rio de Janeiro: Zahar, 2024. 416p.

Gabriel Banaggia¹

Um homem branco em traje formal se desequilibra; ele parece prestes a cair, e o ângulo no qual foi enquadrado deixa suas nádegas em plena evidência. A fotografia que foi escolhida para compor sua imagem de capa é tão provocadora – nos melhores sentidos da palavra – quanto o título da obra em si. *O homem não existe: masculinidade, desejo e ficção* (2024, editora Zahar), é o mais recente livro de Ligia Gonçalves Diniz, professora de literatura na Universidade Federal de Minas Gerais e crítica literária, tendo recebido prêmios tanto da Associação Paulista de Críticos de Artes, em 2024, quanto da Biblioteca Nacional, em 2025, nas respectivas categorias de melhor ensaio literário.

A obra é composta por três partes, cada uma com quatro ensaios relativamente independentes, com referências ocasionais aos demais. Apesar de cada um poder ser lido de forma isolada, a apreensão do conjunto na íntegra é recompensadora, transmitindo melhor a intenção de se explorar, pelas lentes da ficção, distintas figurações a respeito do que é ser um homem. Se muitas vezes o foco de *O homem não existe* são as masculinidades hegemônicas e consideradas tradicionais ao longo da história do Ocidente, ele não se traduz numa denúncia de cânones de gênero (em ambos os sentidos), contornando o que seria hoje em dia um exercício talvez já enfadonho. Em vez disso, quem se dedica à leitura da obra recebe da autora um convite, repleto de generosidade e argúcia, a refletir sobre o masculino por meio de um retrato sincero, por vezes ácido, mas dificilmente desprovido de afetuosidade, de sua própria experiência como leitora.

Diniz não busca uma definição estanque de masculinidade: ao contrário, constrói sua argumentação a partir de uma posição híbrida, teórica e experiencial, que engloba tanto a reflexão crítica sobre literatura quanto uma tentativa de experimentar, por meio da leitura, o lugar subjetivo que tradições



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

¹Doutor em Antropologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professor Agregado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; E-mail: banaggia@puc-rio.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5555-894X>.

literárias diversas atribuíram ao homem. A proposta fica clara em diversos momentos do texto, como quando a obra parte de ideias gregas sobre mulheres e homens para mostrar como dicotomias patriarcais entre interior/ exterior e desejo/razão moldaram as categorias de gênero. Baseando-se em Anne Carson (1995), a definição da mulher como o ser que externaliza uma interioridade serve como ponto de partida para um exame crítico da sofrósina grega traduzida por Freud (2018) como repressão para terminar por subverter a importância concedida à potencial dissociação entre interior e exterior, autocontrole e desejo (p. 72).

O homem não existe articula experiências sobre corpo e desejo masculino não como categorias abstratas, mas como algo que a literatura tem meios únicos de tornar inteligível. No capítulo em que lê *Leaves of Grass*, de Walt Whitman (1860), por exemplo, a autora destaca a tentativa poética de traduzir em linguagem o que, por definição, resiste à articulação discursiva – o orgasmo, a fisgada do desejo, o prazer cósmico (p. 97). Remetendo à argumentação do livro anterior da mesma autora (*Imaginação como presença*, 2020, editora UFPR), percebe-se aqui um movimento que não se reduz a teoria: a literatura, mais do que explicar, produz sensações, e é nessa produção que reside parte fundamental da experiência humana do desejo. O gesto de ler para sentir contrasta com leituras que tratam o corpo masculino como signo ou representação simbólica, manifestando-se nas leituras de personagens e autores cujo imaginário sexual e erótico desafia tanto as convenções normativas quanto as expectativas feministas mais rígidas sobre como falar de desejo masculino. Por exemplo, ao discutir Whitman, Diniz reconhece que o poeta valoriza o sêmen e o prazer sexual sem transformar cada gota em um símbolo moral ou religioso, investindo em imagens poéticas que ilustram o encontro entre linguagem, desejo e corporeidade.

Outro aspecto significativo do livro é a leitura que a autora faz da relação dos homens com sua própria imagem e narcisismo. Ao analisar um personagem de Luigi Pirandello (2001), Moscarda, e discutir a forma como os homens se veem e, crucialmente, como temem se confrontar no espelho, Diniz propõe que o narcisismo masculino não reside simplesmente na vaidade, mas na perturbação que o espelho provoca sobre a identidade do sujeito (p. 140). Esta reflexão leva a uma reconfiguração do conceito de narcisismo que ultrapassa meras categorias psicológicas: torna-se uma ferramenta hermenêutica para compreender como a masculinidade moderna enfrenta (ou evita) a questão do eu como multiplicidade e contradição. Ao contrapor a observação de Simone de Beauvoir (2009) sobre o tema, *O homem não existe* defende uma proposta original: narcisistas seriam justamente os homens que têm medo de se encarar a si mesmos no espelho, temerosos das

capacidades de desestabilização contidas no ato. A bela passagem de Milan Kundera (1999) sobre a personagem Tereza, que tenta “ver-se através do corpo” (p. 141) e descobre ali algo que transcende superfície física e imagem social, ilustra esse fecundo risco: o corpo torna-se a própria alma, não um sinal de algo além dela.

A obra dedica uma reflexão cuidadosa ao chamado ‘neuroromance’ contemporâneo, um fenômeno narrativo que ela associa à literatura que enfatiza o funcionamento cerebral e os processos cognitivos no centro da construção do sujeito. Ao discutir obras e autores que exploram a mente humana em termos neurológicos, onde a consciência parece reduzida a processos fisiológicos, a autora mostra como a subjetividade moderna enfrenta a ameaça de se dissolver num campo meramente biológico, afastando-se de modos mais tradicionais de pensar a experiência e a agência humana. Essa análise é particularmente relevante se entendida à luz do resto do livro, pois Diniz não só situa essa tendência em contextos literários específicos, mas a confronta com uma necessidade crítica mais ampla: a literatura, como arte da linguagem, ainda persiste em tentar nomear o que a neurologia reduz ao biológico. Ao fazê-lo, ela resgata a importância da linguagem e da narrativa como modos de expressão de subjetividades inteiras, inclusive aquelas que parecem escapar às categorias rígidas de razão, identidade e gênero.

Parte considerável da reflexão de *O homem não existe* recai sobre as figuras da paixão, do amor e da imaginação na tradição literária ocidental. Ao recuperar a crítica de Stendhal (1980) ao que ele chama de “hábito da razão” – uma tendência masculina a privilegiar utilidade e previsibilidade em detrimento da imaginação e das paixões –, Diniz mostra como a imaginação e a experiência amorosa se tornaram, para este autor, um contraponto necessário à razão instrumental (pp. 164-165). Em várias passagens, a obra aborda o amor tanto como sentimento quanto como experiência que abre portas para dimensões mais amplas de conhecimento e ser. O admirável trecho em que confessa que “uma parte de mim ainda acredita sinceramente nisso de a tristeza nos tornar quem verdadeiramente somos” ao mesmo tempo que reconhece ter aprendido “a apostar na alegria” revela a intimidade e a ironia com que a autora aborda tais temas (p. 173).

A obra também se destaca pela de textos canônicos e populares, como *Morte em Veneza*, de Thomas Mann (2019). Ao descrever a obsessão do protagonista Aschenbach pelo corpo adolescente de Tadzio, Diniz ressalta como a narrativa explora o encontro entre o desejo, o ideal estético e a impossibilidade de circunscrever o belo em palavras sem que a arte perca algo essencial (p. 199). Sua linha de análise culmina em reflexões mais

amplas sobre padrões de beleza, normas sociais e experiência erótica. A crítica a compreensões limitadas a categorias rígidas de beleza, que muitas vezes restringem e conformam os corpos a ideais inalcançáveis, se articula a uma defesa da curiosidade e da generosidade na apreciação de qualquer ser humano, “belo ou não” (p. 176), num gesto que é simultaneamente ético e estético.

Um dos capítulos mais intelectualmente vigorosos do livro é aquele em que Diniz dialoga com as reflexões de Amia Srinivasan (2021) e Audre Lorde (2007) sobre a raiva como forma legítima de reconhecimento e resposta às injustiças do mundo (p. 278). Aqui, a autora argumenta como a raiva pode ser entendida de maneira muito mais significativa em sua dimensão produtiva quando libertada das amarras do gênero, deixando de ser monopólio dos homens. Ao reconhecer sua “relação ambivalente com a raiva” e afirmar que a literatura a fez desejar “o privilégio da raiva que eles próprios experimentam” (p. 290), a autora identifica como a centralidade da experiência de leitura da ficção escrita por mãos masculinas contribuiu para esta condição, e como é possível construir esforços para que essas experiências, tanto da fúria justa quanto da mais risível, possam ser experimentadas de maneira muito mais indistinta por qualquer pessoa.

Ao longo de *O homem não existe*, Diniz demonstra que a ficção não é mero ornamento discursivo, mas uma ferramenta epistemológica potente para pensar identidade, desejo e gênero. Sua prática leitora não apenas analisa obras e personagens, mas busca, por meio delas, compreender como narrativas mobilizam categorias que moldam a experiência humana em profundidade. A lição é capaz de ressoar inclusive entre especialistas de ciências sociais, estimulando-nos a não deixar de lado o poder que a literatura tem de “bagunçar as normas e clichês do imaginário sexual” (p. 257), abrindo espaço para novas formas de pensar o desejo e a subjetividade. Exceto quando trata diretamente das vidas e de curiosidades a respeito dos autores das obras mencionadas, os homens e mulheres sobre os quais a autora se debruça são na maior parte ficcionais, não custa lembrar, mas estes personagens e estas obras são sem dúvida capazes de produzir efeitos muito concretos em gente de carne e osso – engendrando fenômenos que podem ser alvo de pesquisas empíricas de renovado interesse contemporâneo.

Leitores homens que topem a bem-vinda provocação posta já no título da obra, engenhosa inversão da clássica formulação lacaniana a respeito da multiplicidade feminina, talvez acabemos por nos descobrir seres mais complexos do que alguns de nós gostaríamos de admitir – enquanto outros nos deliciaremos em rir de nós próprios fazendo coro com a autora. Porque uma

das marcas mais evidentes de *O homem não existe* é seu delicioso bom humor. Se para mulheres não é de modo algum tarefa fácil, para não dizer ingloria, se fazerem ouvir por homens nas mais diversas situações do cotidiano, este livro de Ligia Diniz é uma colaboração retumbante para que germine uma sociedade em que venham a existir não só outros homens, como outras configurações de gênero – capazes tanto de abraçar quanto de obviar diferentes masculinidades. Que estas últimas possam vir a ser mais salutares é o desafio para o qual, para nossa sorte, essa obra resolveu contribuir.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARSON, Anne. “The Gender of Sound”. In: _____. **Glass, Irony and God**. Nova York: New Directions, 1995, p. 131.

FREUD, Sigmund. “A repressão”. In: _____. **Obras completas**, v. 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-6). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 84-91.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Trad. de Teresa Bulhões de Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LORDE, Audre. “The Uses of Anger: Women Responding to Racism”. In: _____. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. Berkeley: Crossing Press, 2007.

MANN, Thomas. **Morte em Veneza**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum, cem mil**. Trad. de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

SRINIVASAN, Amia. **The Right to Sex**. Londres: Bloomsbury, 2021.

STENDHAL. **De l’amour**. Paris: Gallimard, 1980.

WHITMAN, Walt. **Leaves of Grass**. Nova York: Barnes & Noble.

Recebido em janeiro de 2026.

Aprovado em fevereiro de 2026.